ISSN: 2525-9091

Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira

O FUTURO COMEÇA ANTES

THE FUTURE BEGINS BEFORE

José Antônio Zago[1]

1- Psicólogo, Filósofo, Mestre em Educação e Docente do Instituto de Ensino Superior de Itapira

Contato: joseantoniozago@hotmail.com

RESUMO

Este ensaio são reflexões do autor a partir do atendimento psicológico de adolescentes envolvidos no uso ou tráfico de substâncias psicoativas. Procura argumentar porque cada vez mais os membros da sociedade estão deixando de lado a perspectiva do outro ou do próximo; ou a razão de estarem sendo criados nessa direção, ou seja, do individualismo, onde o semelhante é apenas como um nó de uma rede virtual, o qual é possível ser excluído em qualquer tempo. O autor argumenta que o modelo de aprendizado de amor é organizado nos dois primeiros anos de vida e da importância da formação da moralidade pela educação e família.
Descritores: Educação. Coletivo. Relações Sociais. Relação mãe-filho. Moralidade.

ABSTRACT

This essay is reflections of the author from the psychological care of adolescents involved in the use or trafficking of psychoactive substances. The author search to argue why ever more members of society are moving away from the Other's perspective; or why they are being created in this direction, ie individualism, for which the Other is just as a node of a virtual network, which can be deleted at any time. It is argued that the model of love learning is organized in the first two years of life and the importance of training of morality for the upbringing and family.

Keywords: Education**.** Collective. Social relationships. Mother-child relationship. Morality.

Artigo recebido em 21/06/2017; aprovado em 04/08/2017.

CONSCIESI - Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira – IESI

www.consciesi.com.br / www.iesi.edu.br

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DE ITAPIRA

INTRODUÇÃO

Consideramos que todo ato humano é um ato político, inclusive um delito, já que para Broom e Selznick (1968) um crime ou delito é sempre um produto social e não um fenômeno natural. Todo comportamento, portanto, é um ato político, pois atinge a *polis*, atinge o coletivo. Por exemplo, um usuário de drogas ao comprar a droga, antes mesmo que ela seja ingerida e produza um mal a si, o ato da compra já comprometeu o tecido social: a compra significa o financiamento do crime organizado, da prostituição, do tráfico de armas, etc. Qualquer ação individual tem repercussão no coletivo.

Este ensaio é uma tentativa de compreender, a partir da prática no atendimento psicológico de adolescentes envolvidos no uso ou tráfico de drogas, porque cada vez mais os membros da sociedade estão deixando de lado a perspectiva do outro ou do próximo; ou a razão de estarem sendo criados nessa direção, ou seja, do individualismo, onde o semelhante é apenas como um nó de uma rede virtual, o qual é possível ser excluído em qualquer tempo.

Longe de ter a pretensão de esgotar o tema, que envolve questões relacionadas à criação de filhos e desenvolvimento da moralidade na infância, nossa proposta é bem mais modesta. Trata-se de uma reflexão sobre um trabalho de atendimento a adolescentes que na sua maioria é encaminhada para tratamento ou abordagem multidisciplinar quanto ao problema com substâncias psicoativas. Toda prática profissional, principalmente na área da educação e da saúde, deve ser motivo de reflexão visando aprimorar a prática seguinte. Embora isso possa nos fornecer experiência no trabalho, entretanto não nos conduz à certeza ou a um trabalho póstero seguro e com êxito.

Assim, cabe aqui apontar Glouberman e Zimmerman (2002) quando diferenciam sobre os três sistemas de tarefas. Esses autores dividem as tarefas humanas em simples, complicadas e complexas.

Um exemplo de tarefa simples é fazer um bolo a partir de uma receita. Basta seguir rigorosamente o que a receita determina quanto aos ingredientes e ao modo de fazer para que o produto final saia sem erro. Já o envio de uma cápsula tripulada à Lua é uma tarefa complicada. Apesar de ser uma tarefa especializada de matemática, engenharia, de longos e custosos treinamentos de astronautas e que exige mais e mais níveis elevados de perícia, deve-se destacar que foguetes e cápsulas espaciais *são semelhantes* e tê-los feitos uma vez aumentam as chances de sucesso da próxima vez. Esse acumular de experiência conduz cada vez mais a um resultado altamente seguro.

No entanto, criar e educar um filho ou tratar uma pessoa em sofrimento, especialmente quando esse sofrimento é mental, é uma tarefa complexa. A criação ou a educação de uma criança fornece experiência, mas sem garantia de sucesso na segunda, terceira, quarta vez... Os resultados e os critérios de êxito são variáveis porque *cada criança é única.* Não há, na criação e educação de uma criança, uma receita, nem mesmo a experiência na criação ou educação de vários filhos significa que o próximo será criado ou educado com sucesso.

Portanto, apontamos que este trabalho é modesto quanto à sua proposta exatamente por ele se referir à tarefa complexa.

DESENVOLVIMENTO

Quando no serviço de saúde que trabalhamos, um Centro de Atenção Psicossocial, acolhemos e atendemos um adolescente envolvido no consumo e no tráfico de drogas ilícitas, fazemos ao adolescente, no decorrer do atendimento, a seguinte pergunta: “O que é mais grave: usar droga ou traficar drogas?”

A maioria responde que o mais grave é usar droga. E quando perguntamos sobre a

justificativa disso, geralmente responde: “Porque faz mal à saúde”. Raramente um ou outro adolescente refere que “O mais grave é vender droga”. E, neste caso, ao indagarmos o motivo da resposta, a explicação é assim: “Porque vender droga pode dar cadeia”.

Além das variáveis físicas, psicológicas e socioeconômicas implicadas no grave problema que é um adolescente traficar e/ou fazer uso de droga, há nessas respostas e justificativas uma questão que para ser percebida e compreendida em sua essência requer um esforço epistemológico. Mais que isso: requer um esforço para compreender que uma coletividade é formada não somente por *eus*, porém igualmente por *outros*, não obstante a obviedade dessa afirmação.

Um pensar crítico nos leva à seguinte constatação: as respostas desses adolescentes envolvidos no tráfico e/ou no uso de drogas revelam o próximo ou o semelhante “ausente”.

Esses adolescentes não têm a percepção que traficar drogas traz prejuízos sérios, e em vários níveis, para muitas pessoas e famílias, já que a preocupação é centrada em si e não no semelhante ou no próximo conforme eles justificam: vender droga é menos grave que usar ou é mais grave porque pode causar um problema (prisão) a quem vende. É o outro “ausente”. É como se a ação de traficar não tivesse repercussão alguma no tecido social.

Se vivemos na *polis*, em coletividade, mas o próximo ou o semelhante não é percebido presente ou potencialmente presente, que qualidade de coletivo estamos construindo? Ou antes: por que a sociedade está produzindo crianças e jovens onde a perspectiva do outro ou do semelhante está “ausente” ou não é o centro do processo social?

Uma explicação pode ser fundamentada em Hanna Arendt (1906-1975). Segundo Covington (2014, p. 309) para Arendt o mal nasce do fracasso de “pensar a partir do ponto de vista do outro.” Não poder imaginar que o semelhante existe, faz imperar um narcisismo mortal, que elimina qualquer preocupação para com o próximo.

Outra explicação pode ser deduzida das ideias de Jean Piaget (1896-1980). Piaget (1975) dividiu o desenvolvimento da inteligência em três grandes períodos: o sensório-motor (do nascimento aos dois anos), o período de preparação e de organização das operações concretas de classes, relações e números (dos dois anos a 11-12 anos) que é dividido em dois subperíodos: subperíodo das representações pré-operatórias (dos dois ao sete-oito anos) e subperíodo das operações concretas (dos sete-oito anos aos 11-12 anos), e o período de operações formais ou abstratas (dos 11-12 anos a 14 anos). O desenvolvimento impulsiona o aprendizado sempre que o organismo se vê frente a um desafio ou problema. Para buscar seu reequilíbrio cognitivo o problema é assimilado e resolvido por esquemas mentais já existentes ou a solução é por acomodações nesses esquemas, as quais implicam na construção do conhecimento ou aprendizado.

Para Piaget a eminência do desenvolvimento humano é a conquista da mente racional, do pensar de forma lógica, isto é, do pensar cientificamente. Chegou à essa conclusão pesquisando crianças e adolescentes por meio de um método clínico que envolvia provas operatórias, procurando entender como é a evolução do conhecimento de patamares mais simples para mais complexos, desde as ações motoras até o pensamento indutivo e dedutivo. Entretanto, constatou que o desenvolvimento da inteligência é concomitante ao desenvolvimento da afetividade onde inclui a moralidade (PIAGET, 1977; GOULART, 2011).

É provável, nessa perspectiva, que falta a esses adolescentes a noção de moralidade autônoma que implica a cooperação, que somente pode ser atingida quando o egocentrismo, uma das principais características do subperíodo das representações pré-operatórias (dos dois a sete-oito anos) é superado, bem como, depreende a separação da realidade da fantasia ao ascender para o subperíodo das operações

concretas (dos sete-oito anos aos 11-12 anos). Esses adolescentes apresentam uma moralidade baseada nas consequências e não na intenção, que revela ainda estarem vivendo sob uma moral heterônoma.

O egocentrismo é a incapacidade de perceber que o outro ou o semelhante possui seu ponto de vista. Por isso que no subperíodo das representações pré-operatórias a criança brinca ao lado de outra criança, mas não *com* outra criança. O ponto de vista é exclusivo, único, centrado em si. Obedece regras sob coação (moralidade heterônoma) e não por cooperação (moralidade autônoma). Isso porque ainda não desenvolveu e aprendeu noções de reversibilidade, reciprocidade e descentração. A autoridade do pai nesse período é quem estabelece e pode garantir a observação de limites e normas para que ocorra a assunção da moralidade autônoma a partir da moralidade heterônoma. A obediência faz parte do processo de construção do comportamento ético e moral e ela deve anteceder a conquista da autonomia. A ausência paterna ou de seu substituto facilita que a criança exerça "autonomia" antes do tempo, o que pode ser um desastre para as futuras relações em que a cooperação é imprescindível.

Como cidadãos adultos, mesmo de posse do pensamento formal e lógico, condição cognitiva atingida por volta de 14-15 anos (período das operações abstratas ou formais) manifestamos muitas vezes nossa incapacidade de compreender o ponto de vista do outro quando apresentamos nossos traços sociopáticos por meio de pequenos delitos que desrespeitam o semelhante e o coletivo. Queremos ser "espertos", mas não queremos, por exemplo, que políticos sejam corruptos. Assim, se vemos o sinal vermelho e se há uma chance de passá-lo antes que abra o verde, passamos; se vemos uma vaga de carro para idosos, lá colocamos nosso carro; se uma empresa percebe que o idoso tem privilégio na fila de banco, contrata um idoso para fazer o trabalho de banco da firma; se pudermos furar uma fila, furamos; se pudermos conseguir algum benefício por um atalho, tal qual a história do Chapeuzinho Vermelho, entramos nesse atalho. E nos sentimos "espertos" em cada "conquista". É um comportamento moral dirigido pelos resultados ou consequências que pela intenção, maneira de comportamento moral equivalente ao subperíodo das representações pré-operatórias (dos dois a sete-oito anos); no caso a desobediência se mostra pela a ausência concreta da autoridade. Esta, nesse sentido, está fora de nós e não dentro, portanto, não é um valor. E, assim, muito da crítica que despejamos em figuras públicas ou privadas notórias pela carência de ética, pode, esta crítica, ter conteúdos nossos projetados nessas figuras. Portanto, também é necessário o cuidado para evitar o mal que fazemos a *polis,* isto é, controlando os nossos pequenos traços sociopáticos.

Outra explicação ainda é que o sistema límbico, relacionado, entre outras, com as funções emocionais, onde inclui o sistema de recompensa cerebral, quando sob efeito de substância psicoativa embota o neocortex cerebral, impedindo assim o indivíduo de pensar criticamente, levando-o a apresentar vários sinais e sintomas que determinam um estado de "adormecimento" de sua capacidade de avaliar o mundo, o que denominamos de *sindrome de encantamento* (ZAGO, 2001). Podemos afirmar que a *sindrome de encantamento*, estado mental do indivíduo sob efeito de alguma droga, equivale ao subperíodo das representações pré-operatórias, ou seja, a vivência da fantasia mesclada com a realidade. O uso de droga embota a capacidade de raciocinar abstratamente de maneira a perceber diferentes possibilidades ou hipóteses em dada situação.

Quando indagamos esses adolescentes sobre o motivo de estarem no tráfico, respondem, por exemplo, que essa é a maneira mais imediata e "esperta" ou um atalho para se obter recursos para ter acesso aos bens de consumo: roupas de grife, correntes e pulseiras de prata e principalmente meios de comunicação móvel. O mal para esses adolescentes é uma banalidade, tal qual para

nós, guardadas as devidas proporções, parece ser um ato banal furar uma fila ou "passar a perna em alguém".

Mas esses argumentos, a rigor, não explicam porque cada vez mais crianças e adolescentes, ou seja, pessoas em formação, estão deixando de lado a perspectiva do outro ou do próximo; ou a razão de estarem sendo criados na direção do individualismo, onde o semelhante é apenas como um nó de uma rede virtual, o qual é possível excluir em qualquer tempo. Esses argumentos apenas apontam o semelhante "ausente".

Um vestígio pode ser reconhecido em uma passagem escrita por Joaquim Nabuco (1981, p. 131) ao referir-se sobre a sua trajetória abolicionista:

> "Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou; ela envolveu-me como uma carícia muda toda a minha infância; as aspirei-a da dedicação de velhos servidores que me reputavam o herdeiro presuntivo do pequeno domínio de que faziam parte..."

Na história da escravidão do Brasil, amas de leite, mulheres negras que amamentavam bebês brancos, por meio dessa ligação tão íntima e provedora de vida, talvez tenham exercido enorme influência na vida futura dessas pessoas na relação com os negros. Por exemplo, os brancos abolicionistas confirmavam os negros como semelhantes. Assim problematizamos: seria deveras pertinente investigar historicamente a hipótese que a amamentação de bebês brancos por amas de leite negras foi uma variável importante na formação de abolicionistas?

O estudo de René Spitz (1973) demonstrou a importância do estreito contato da mãe para com o recém-nascido no primeiro ano de vida para o desenvolvimento somático e emocional do bebê, concluindo que as interações psicossociais desse contato são notáveis já que suas consequências perduram após a infância. Por sua vez, bebês criados sem essa interação emocional, por exemplo, em orfanatos sem a mãe ou sem uma figura substituta efetiva e afetiva, apresentavam depressão anaclítica ou hospitalismo, bem como elevada mortalidade.

Erik Erikson (1973) teorizou que o ciclo do desenvolvimento humano é constituído por oito fases. E em cada fase uma crise precisa ser superada para passar à fase seguinte mais crescido emocionalmente. A primeira e fundamental fase do ciclo vital Erikson denominou de confiança *versus* desconfiança, onde o bebê, pelo contato e cuidado seguros da mãe, desenvolve uma confiança básica no mundo por meio da figura materna. Falhas ou abandono nesse cuidado tornam o bebê desconfiado em relação ao mundo e ao seu futuro, acumulando essa crise para as etapas seguintes do ciclo, inclusive para a vida adulta.

A ciência tem demonstrado a importância dos primeiros 1.000 dias na vida de um recém-nascido. Esses 1.000 dias correspondem aos 270 dias dos nove meses de gestação, 365 dias do nascimento aos 12 meses e 365 dias do segundo ano de vida. De acordo com a Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health (2013) a revista Lancet Maternal and Nutrition lançou em 2008 uma série de estudos demonstrando a importância dos 1.000 primeiros dias na vida de uma criança.

A alimentação equilibrada desde o início da gravidez até o segundo aniversário da criança determina as futuras condições de funções orgânicas e de saúde do bebê quando atingir a adolescência e a vida adulta. Isso significa que a alimentação saudável nos primeiros 1.000 dias de vida, onde inclui o aleitamento materno exclusivo ao menos até o sexto mês de vida, evita subnutrição, mortes por inanição e doenças, já que crianças que não foram devidamente alimentadas durante a gestação e nos dois primeiros anos de vida são mais suscetíveis às doenças.

Especificamente quanto ao aleitamento materno, estudo desenvolvido no Brasil por Victora e colaboradores (2015) mostrou que quanto maior o tempo de amamentação do bebê, maior o desempenho acadêmico e melhor a renda na vida de trabalho quando adulto. Há uma relação entre maior tempo de

amamentação e melhor desempenho nos estudos e melhor renda. Assim, o aleitamento materno não tem benefícios somente em curto prazo, mas para toda a vida.

Ratificando outros autores, já apontamos em estudo anterior como o alimento é de importância vital para todos os seres vivos, principalmente para o homem. Quando a mãe alimenta o bebê no seio não fornece apenas o leite, mas, ao mesmo tempo, uma carga afetiva intensa a qual o bebê incorpora e reage. A maneira como a mãe oferece esse alimento é a forma como o bebê primitivamente experimenta o mundo e consequentemente seu semelhante. O ato de amamentar é a célula primordial do relacionamento humano. Desse modo, o leite pode ser experimentado com ternura, ansiedade, amor, raiva, etc. Desde a mais tenra infância a relação alimento-afeto é, de tão estreita, única: o alimento é necessário tanto para o físico quanto para o emocional, isto é, ao organismo total (ZAGO, 2011).

Desse modo, não se pode esperar muito do futuro de uma nação, inclusive do ponto de vista socioeconômico, se esse período de vida for negligenciado. O Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014, p. 7) que considera a primeira infância de zero a seis anos, assim se expressa:

> A primeira infância tornou-se prioridade nas agendas de pesquisa e formulação de políticas públicas por ser uma faixa etária crítica para a aprendizagem. Países que implementaram programas de desenvolvimento infantil extensos (iniciando cedo e com grande exposição às intervenções), abrangendo os aspectos de saúde, nutrição, estimulação e educação da criança, alcançaram resultados significativos e duradouros nesse sentido. Essas evidências estão de acordo com as premissas científicas de que os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento de capacidades fundamentais para a aquisição de novos conhecimentos no futuro e acúmulo de **capital humano.** O estudo de um amplo espectro de políticas voltadas a programas de cuidados primários de saúde e educação na primeira infância, promovendo boas condições de saúde materno-infantil, garantia de nutrição adequada e políticas de apoio social evidencia a geração de implicações socioeconômicas positivas de longo-prazo, como aumento dos anos de escolaridade completos, melhores condições de saúde física e mental na vida adulta, e melhor inserção no mercado de trabalho. Do ponto de vista social, a evidência empírica demonstra que crianças que frequentaram boas escolas e tiveram atenção à saúde adequada na primeira infância tornaram-se cidadãos com menor propensão ao envolvimento com tabagismo, alcoolismo, criminalidade e violência, além de precisarem menos da ajuda do governo para sua sobrevivência (através de programas de transferência de renda e concessão de benefícios). Tais estudos demonstram que o investimento para o desenvolvimento e a aprendizagem durante a primeira infância traz um retorno maior para a sociedade do que investimentos em qualquer outra etapa da vida.

Há uma correlação entre o nosso modo de vida, resumido no tripé *produção - necessidades criadas pela mídia - consumo,* e a maneira superficial de nossa convivência com o semelhante. Como referiu Lorenz (1974) na sociedade contemporânea o dinheiro deixou de ser um meio para ser um fim em si mesmo. Se antigamente era dito “Fulano tem meios”, atualmente o fim é conquistar esses meios e essa conquista basta como conceito, valor e definição de homem. O dinheiro deixou de ser um meio para ser um fim em si mesmo.

A saída da mulher do lar, que a cada ano se mostra mais prevalente para aumentar o ganho financeiro e se sentir mais valorizada que no trabalho doméstico, (embora no trabalho formal ela ainda não esteja financeiramente valorizada como o homem), pode estar comprometendo a qualidade de relacionamento com a criança, especialmente no início da vida. Não que sejamos contrários à independência da mulher, mas infelizmente, a relação mãe-filho, tão importante nos primeiros 1.000 dias de vida da criança, deveria ser reconhecida e respeitada. A mãe deveria estar disponível, protegida pela legislação trabalhista, para cuidados do filho nos dois

primeiros anos de vida. O capital e a nação não percebem ou ideologicamente ignoram que isso seria o melhor dos investimentos em longo prazo em todos os significados. Entretanto, a avidez do lucro imediato deixa mais evidente como o semelhante ou o próximo está "ausente".

Pais, por exemplo, podem viver preocupados se o filho ou filha adolescente está consumindo alguma droga ilícita, e, se descobrem algo nesse sentido assumem um posicionamento fortemente contrário ao comportamento aditivo do adolescente. Pais se preocupam, e com fundamento, se na escola que os filhos frequentam há trafico de drogas. Entretanto, não raro pais consomem de maneira natural bebida alcoólica com filho ou filha adolescente. Pais não se dão conta que bares nas proximidades da escola podem estar vendendo bebida alcoólica para estudantes.

Atualmente muitos pais abdicam da educação dos filhos em troca de serem amigos dos filhos. Essa condição imbuída de tão aparente ternura e dedicação pode ter desdobramentos desastrosos não necessariamente num futuro longínquo. A amizade é isenta de autoridade e na relação pais-filhos a autoridade é condição fundamental para a construção da moralidade. Quem se propõe ser amigo dos filhos, abre mão da autoridade.

Em décadas passadas a maior aspiração de um adolescente ou de uma adolescente era de ingressar na vida adulta. Esse ingresso, que ocorria ao completar os 18 anos, era demasiadamente cultivado. Ultrapassar os 18 anos significava, socialmente, a possibilidade de se ampliar o leque de escolhas. E era isso mesmo que ocorria. Somente o adulto podia frequentar certos ambientes, assistir a determinados filmes, fazer ou realizar determinadas coisas. O mundo adulto, de certa forma, vigiava para que esse impedimento ao adolescente fosse seguido à risca. O mundo adulto era um mundo, visto pelas fantasias do adolescente, de alguém que possuía um passaporte para coisas proibidas.

Nesse sentido, o mundo adulto não só era ansiosamente esperado pelo adolescente, como lhe despertava certa inveja no sentido de ter o poder (principalmente jurídico) de fazer coisas de adulto. Em suma, o adolescente ou a adolescente não viam a hora de se tornarem adultos. O adulto era, sem dúvida, uma referência para o adolescente. A rigor, tornar-se adulto era o principal objetivo do adolescente. O adulto era alguém visto como modelo.

Entretanto, tem ocorrido uma mudança nessa aspiração adolescente. Parece que os adolescentes, de forma geral, não querem se tornar adultos. É possível que não vejam mais atrativos no mundo adulto, já que os adultos de hoje se mostram permissivos com os filhos, antecipando todo e qualquer desejo deles. Muitos adolescentes querem continuar ou prolongar a adolescência ou, como dizem, ser *adultecentes*. E isso não é tudo.

Parece que muitos adultos se cansaram ideologicamente de ser adultos, ou que já não se sentem satisfeitos como adultos. Muitos adultos referem-se a si mesmos como "amigos" dos filhos, deixando em plano secundário o "ser pais", de fato e de presença. A paternidade, como já apontamos, é incompatível com a amizade entre pais e filhos. A paternidade exige situações em que a autoridade de pai é imprescindível na formação de um filho ou filha; enquanto que, na amizade, a autoridade inexiste. E o que é mais grave: muitos adultos passam a imitar os adolescentes; passam a se comportar como adolescentes. A adolescência tornou-se modelo ou aspiração para muitos adultos, isto é, uma inversão de papéis e, consequentemente, de valores; ou melhor, de hierarquia de valores.

No subperíodo das representações pré-operatórias (dos dois a sete-oito anos) é essencial, como já afirmamos, a autoridade dos pais para que a criança perceba e cumpra as regras de convivência da família e na relação com os outros. Temerosa de perder o amor dos pais ela obedece e assim introjeta, mesmo que sob coação, a figura de autoridade, a qual respeitosamente irá levar para toda a vida. Ao

mesmo tempo, estamos nos referindo a pais amorosos (que não exclui a autoridade) que vão possibilitando uma orientação sobre a necessidade dessas normas e, posteriormente, mais crescida, a própria criança cooperar na construção das regras de convivência. O objetivo principal da educação de filhos no subperíodo das representações pré-operatórias é dos pais contribuírem para a descentração da criança, explicando-lhe as intenções das regras e conduzindo-a em direção ao outro, ao semelhante. Em outras palavras, é conduzir a criança à cooperação, à construção do coletivo. É importante destacar que cooperar exige também obediência.

Entretanto, não é incomum crianças e adolescentes que verbalizam ou se comportam, sem motivo aparente, de modo a exprimir ódio ou repulsa a professores, diretores de escolas e outras figuras de autoridade privadas ou públicas. É provável que essas crianças e adolescentes tenham tido ou estão acumulando experiências de convivências extremas, de rigidez ou de permissividade, quer por convivência com pais autoritários, quer por convivência com pais ausentes ou amigos dos filhos. Pais permissivos podem formar filhos que não conseguem ser socialmente descentrados. Pais autoritários ou rígidos podem formar filhos obedientes apenas quando da presença da autoridade, mas não cooperantes socialmente quando a autoridade está ausente. Pais rígidos são temidos e rejeitados e não introjetados ou respeitados pelos filhos.

Há uma diferença fundamental entre alguém que descasca uma bala de doce e não joga o papel no chão por estar sendo observada, daquele que descasca a bala de doce e segura o papel até encontrar uma lixeira. Ambos estão dentro da norma de boa educação, entretanto o primeiro age por coação e o segundo por valor interiorizado. O primeiro respeita a regra de que não se deve jogar papel no chão porque alguém está olhando; o segundo respeita o outro, o coletivo. Dito de outro modo: o comportamento do primeiro é heterônomo, centrado em si; do segundo, autônomo, descentrado.

A descentração da criança do egocentrismo em direção ao outro, ao semelhante, depende do trabalho da autoridade dos pais ou substitutos, os quais devem ter uma importância impar e vital na vida da criança, cuja importância começa a ser construída desde a concepção e gestação e nos dois primeiros anos de vida. Excetuando a amamentação no peito, um pai pode desempenhar todos os demais papéis da mãe. Somente figuras parentais vinculadas amorosamente podem influenciar a criança à cooperação.

É oportuno considerar que na sociedade hodierna, além da inevitável e justa emancipação feminina em curso, a emergência de novas formas de constituição familiar a partir da lei do divórcio e do casamento homossexual; composições familiares diferentes da tradicional família patriarcal. Nessas composições, por exemplo, o divórcio pode afastar a convivência cotidiana dos filhos de um dos pais, ao mesmo tempo em que pode colocar esses filhos em relação com outra figura “paterna” ou “materna”. Quais os desafios da contemporaneidade na criação e educação de filhos pelas novas formas de constituição familiar?

Tal questionamento não significa que a família patriarcal respondeu ou ainda responde de forma satisfatória a todos os desafios. Na verdade não temos respostas. Convivência entre pessoas na intimidade não somente pode ser permeada de amor, mas também de conflitos, que requerem um trabalho cotidiano para que as questões ou arestas de convivência sejam superadas e é precisamente aí que ocorre o aprendizado e o crescimento intelectual e ético. Não é o amor que mantém as relações entre as pessoas, porém são as relações que trabalham os conflitos inerentes da intimidade familiar que sustentam o amor.

CONCLUSÃO

Podemos considerar a educação, tarefa complexa, a temática central deste texto. De pais para filhos, inicialmente, mas que não exclui a educação sistematizada. E é sobre a educação sistematizada que queremos encerrar este ensaio.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil destacam em seus objetivos algumas preocupações argumentadas neste texto, a saber: *os princípios éticos*, como valorização da autonomia, da solidariedade, da responsabilidade e do respeito ao próximo, às singularidades e ao meio ambiente; *os princípios políticos* como garantias à cidadania, do desenvolvimento da criticidade e do respeito à Constituição; e *os princípios estéticos*, como a valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e das diferentes formas de manifestações culturais e artísticas (BRASIL, 2010).

A rigor, esses três princípios estão contidos na boa convivência para com o semelhante ou para com o próximo, já que na convivência está explícita a questão ética, pois se todo comportamento tem repercussão na *polis*, então todo comportamento tem um sentido ético, de relação com o coletivo, com o outro. Aceitar eticamente o outro não significa ter a obrigatoriedade de gostar de, mas significa a eticidade de respeitá-lo inclusive nas suas diferenças. E dessa maneira entendemos que é a partir do primeiro princípio que devem ser construídas as outras dimensões como a política e a estética.

Consideramos que a escola pode contribuir e muito na formação da moralidade. É claro que o centro que se destaca como objetivo da escola e da educação formal como um todo é o conhecimento (*episteme*) por meio do processo ensino-aprendizagem. Os vários modelos epistemológicos e modelos pedagógicos são ferramentas de como ensinar-aprender visando o conhecimento que é o centro da escola. Porém, seria um objetivo, embora grandioso, mas limitado se a escola somente se restringisse a isso. A escola é, até antes mesmo de ser um local de construção do conhecimento, um espaço de convivência e a convivência também são relações em construção. E como tal, essa convivência deve ser pautada por regras e por autoridade. Consideramos que esse seja o maior desafio para a educação atualmente. E esse desafio se torna maior ainda quando é percebido um descompasso entre escola e pais. Ambos ainda não perceberam que em comum podem exercer a autoridade e a cooperação.

O futuro de um tecido social saudável e forte começa antes, bem cedo. Não se tece um tecido de qualidade se as fibras não forem firmes. Conforme Sören Kierkegaard (1813-1855) relacionamentos não autênticos decorrem de dominação, submissão ou dependência mútua. Somente individualidades genuínas podem construir relacionamentos sociais saudáveis. Tal significa que cada Eu, embora comprometido com o Outro, o próximo, não perde sua autonomia. Esse relacionamento comprometido é que Kierkegaard denomina de “amando um ao Outro em Cristo”, que é descrito pela moderna fenomenologia, sem metáforas religiosas, de “relacionamentos intersubjetivos” ocorrendo no “âmbito transcendental” (HEUSCHER, 1987, p. 21-22).

Essa compreensão é condição para a cooperação e, assim, para a construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. **Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BROOM, L.; SELZNICK, P. **Sociology**. 4. ed. New York: Harper and Row, 1968.

COVINGTON, C. Hanna Arendt, o mal e a erradicação do pensamento. **Livro Anual de Psicanálise**, v. XXVIII-2, 2014, p. 305-323.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Estudo nº 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**, 2014. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br> Acesso em: 19 out. 2017.

ERIKSON, E. H. A juventude e o ciclo de vida. In: MORSE, W.C.; WINGO, G.M. **Leituras de Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Nacional, 1973. p. 74-86.

GLOUBERMAN, S.; ZIMMERMAN, B. Complicated and complex systems: what would successful reform of medicare look like. Discussion paper Nº 8. **Commission on the Future of Health Care in Canada**, July, 2002. Disponível em: <http://c.ymcdn.com/sites/www.plexusinstitute.org/resource/collection/6528ED29-9907-4BC7-8D00-8DC907679FED/ComplicatedAndComplexSystems-ZimmermanReport_Medicare_reform.pdf> Acesso em: 19 out. 2017.

GOULART, I. B. **Piaget:** experiências básicas para utilização do professor. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HEUSCHER, J. E. Love and authenticity. **American Journal of Psychoanalysis**, v. 47, nº 1, p. 21-34, 1987.

JOHNS HOPKINS BLOOMBERG SCHOOL OF PUBLIC HEALTH. **Nutrition during first 1,000 days of life crucial for childhood and economic development**. June 5, 2013. Disponível em: <http://www.jhsph.edu/news/news-releases/2013/black-katz-nutrion.html> Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

LORENZ, K. Z. **Civilização e pecado:** os oito erros capitais do homem moderno. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

NABUCO, J. **Minha formação.** 10. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

PIAGET, J. **Problemas de psicologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 337-422. (Os Pensadores, LI).

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

SPITZ, R. A. Desenvolvimento emocional do bebê. In: MORSE, W.C.; WINGO, G.M. **Leituras de Psicologia Educacional.** São Paulo: Editora Nacional, 1973. p. 86-94.

VICTORA, C.G. et al. Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil. **The Lancet Global Health**, v. 3, nº 4, April 2015, p. e-199-e-205.

ZAGO, J. A. Síndrome de encantamento e dependência de droga. **Argumento**, Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta, v. 6, 2001, p. 61-68.

ZAGO, J. A. **Droga: inútil ilusão.** São Paulo: Ixtlan, 2011.

O autor declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.